



RUMO A UM CURRÍCULO COMUM PARA A EDUCAÇÃO DO FUTURO: UMA EPISTEMOLOGIA TRANSVERSAL E DA COMPLEXIDADE

Javier Collado Ruano¹
Dante Augusto Galeffi²

RESUMO: Neste trabalho procuramos realizar um diálogo com a problemática emergente da criação de um currículo comum para a educação do futuro, no âmbito mundial. Um currículo que precisa romper com o paradigma positivista do passado, para se articular como um sistema complexo e transversal, pois o mundo inter-relacionado de hoje apresenta novos desafios e necessidades para o alcance da cidadania global do século XXI, que só pode se compreender através de um pensamento complexo. No final apresentamos uma crítica das reformas educativas tratadas pelo Conselho da Europa (COE) relativa à Declaração da Educação Global do ano 2002 ocorrida em Maastricht. Pois se pretende conscientizar os estudantes-cidadãos sobre as problemáticas mundiais, mas que ainda ficam longe de constituir uma verdadeira formulação radical de educação inclusiva que traga consigo uma mudança estrutural e uma nova visão mundial capaz de cumprir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio formulados pelas Nações Unidas para 2025 (ODM).

Palavras-chave: filosofia da educação, epistemologia, teoria da complexidade, transdisciplinaridade, educação global.

TOWARDS A COMMON CURRICULUM FOR EDUCATION IN THE FUTURE: A TRANSVERSE AND COMPLEXITY EPISTEMOLOGY

ABSTRACT: In this paper we carry out a dialogue with the emerging problem of creating a common curriculum for the education in the future, worldwide. It is a curriculum that needs to break with the positivist paradigm of the past, to articulate itself as a complex and transverse system, once the current inter-related world presents new challenges and needs to reach the twenty-first century global citizenship, which can only be understood through a complex thought. At the end we present a critique of educational reforms addressed by the Council of Europe (COE) on the Declaration of Global Education held in Maastricht in 2002. It is necessary to promote the awareness of citizen-students on the world problems, but they are still far from being a truly radical formulation of inclusive education which can promote a structural change and a new world view capable of meeting the Millennium Development Goals formulated by the United Nations to 2025 (ODM).

Keywords: philosophy of education, epistemology, complexity theory, transdisciplinarity, global education.

¹ Doutorando no Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da Universidade Federal de Bahia (Brasil) / javiercolladoruano@gmail.com. Director de Edição da Revista “Global Education Magazine”. Presidente da Associação Educativa Internacional “Educar para Vivir”.

² Professor Associado III da UFBA, lotado no Departamento de Educação II da Faculdade de Educação; Doutor em Educação (Filosofia da Educação) – UFBA1999; professor pesquisador permanente do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC), UFBA; é o atual coordenador do DMMDC. Email: dgaleffi@uol.com.br



Introdução

A ideia fundamental da complexidade não é que a essência do mundo é complexa e não simples. É que esta essência é inconcebível. A complexidade é a dialógica ordem/desordem/organização. Mas, por detrás da complexidade, a ordem e a desordem dissolvem-se, as distinções dissipam-se. O mérito da complexidade é denuncia a metafísica da ordem. (...) A complexidade não é um fundamento, é o princípio regulador que não perde de vista a realidade do tecido fenomenal no qual nos encontramos e que constitui o nosso mundo. (Morin, 2008, p.151-152).

Nas últimas décadas, uma linha de desenvolvimento da filosofia da educação vem trabalhando na renovação epistemológica da construção do conhecimento, com uma visão transdisciplinar, pragmática e complexa, onde a reflexão sobre a eficácia cognitiva e sobre a linguagem aí produzida é interpretada pelo viés um pensamento complexo e holístico. Trata-se de uma nova construção epistemológica que leva em conta que o mundo atual tem evoluído para um único sistema social como resultado de muitas ligações de interdependência entre os países. A partir desta perspectiva cultural globalizada as mudanças de adaptação às exigências sociais atuais implicam diversos fatores e atores dentro do processo educativo, o qual tem que desempenhar uma mudança fundamental neste processo de modernização: merecendo um profundo exercício de reflexão intencional que evidencie a necessidade de criar reformas educativas curriculares no nível mundial.

Refletimos, então, que o desafio da educação do futuro está, sem dúvida, no processo de encaminhar a humanidade para futuras formas de cooperação e organização social que integrem a diversidade cultural como uma fonte de riqueza e sustentabilidade, assim como relações com o entorno que sejam justas e ecologicamente consistentes (COLLADO e GALEFFI, 2012a). Assim, um dos desafios mais importantes será a criação de uma nova identidade de “Terra-Pátria”, onde o ser humano seja visto como uma mesma espécie: um ser cognitivo, social e produtivo que se encontra em constante processo de evolução biológica e cultural e tem diante de si um longo caminho a ser percorrido no mundo do conhecimento e seu uso inteligente e sensível ao necessário modo de ser solidário e cuidadoso com a vida comum. Evidencia-se, então, a dimensão comunitária da espécie humana em sentido ampliado de Terra-Pátria. Portanto, é preciso que se alcance uma identidade de “Terra-Pátria” que, ao mesmo tempo, respeite as próprias identidades histórico-culturais de cada país/região do planeta. Deste modo, consideramos que a educação tem que ser entendida como um processo



global de conscientização e de reconstrução cultural da sociedade-mundo, cuja missão é a de (in)formar e formar para o conhecimento cada vez mais profundo dos problemas globais da povoação mundial e do estado de desequilíbrio ecológico do planeta (TUVILLA, 2004, p.86). Ou seja, estamos falando de olhar crítica e pluralmente a complexidade da epistemologia da nova disciplina multi, inter e transdisciplinar que se está promovendo no velho continente para a sua implantação no ano 2015: a *Educação Global*.

1. Educação Global: uma proposta de futuro

A educação global é uma perspectiva educativa que decorre da constatação de que os povos contemporâneos vivem e interagem num mundo cada vez mais globalizado. Este fato faz com que seja crucial dar aos aprendentes oportunidades e competências para refletirem e partilharem os seus próprios pontos de vista e papéis numa sociedade global e interligada, bem como compreenderem e discutirem as relações complexas entre questões sociais, ecológicas, políticas e econômicas que a todos dizem respeito, permitindo-lhes descobrir novas formas de pensar e de agir. (Declaração da Educação Global de Maastricht, 15 de Novembro de 2002).

A Declaração da Educação Global³ de Maastricht estabeleceu um dos primeiros passos para a conscientização e sensibilização dos desafios globais para a cidadania do século XXI. Uma proposta que está na vanguarda da educação, pois representa a primeira tentativa de conceber um currículo comum para os países integrantes da União Europeia e os seus sócios. Mas a criação de um “mínimo comum curricular” também representa uma *emergência* antro-po-sócio-política desde a abordagem da Teoria dos Sistemas Complexos. Pois não somente quer dizer deixar para atrás as décadas de lutas nacionalistas e os etnocentrismos culturais ainda fortemente predominantes no século passado, que ocasionaram as duas grandes guerras mundiais. Mas, sobretudo, quer dizer olhar o futuro como um desafio comum de todos os seres humanos do planeta, no qual o ser humano é a parte da natureza responsável pelo destino comum dos habitantes da orbe terrestre. Trata-se de incorporar uma visão cosmologia que veja a Terra com a missão de cuidar dela e garantir a sustentabilidade, deixando para trás a visão da Terra como um simples repositório de recursos, sem inteligência

3 Em 15 de Novembro de 2002, o Centro Norte-Sul do Conselho de Europa, a Rede Mundial de Educação da Europa e os seus sócios, formularam em comum acordo em Maastricht (Países Baixos) uma nova estratégia para a promoção e o apoio da *Educação Global* na Europa o final do ano 2015. Para maiores informações, consulte-se o seguinte site:

<http://www.coe.int/t/dg4/nscentre/GE/GE-Guidelines/Guia-pr%C3%A1tico-para-a-educac%C3%A3o-global.pdf>



ou finalidade própria.

Por este motivo o nosso propósito é fazer uma crítica construtiva a esta nova proposta educativa do Conselho da Europa. Consideramos muito importante o espírito conscientizador com o qual se pretende ensinar aos futuros estudantes-cidadãos da Terra-Pátria, mas também refletimos que esse espírito conscientizador tem que ser compartilhado com todos os países do mundo. Afinal, estamos todos na mesma “nave” e dependemos das mesmas leis e princípios que governam as interações entre os sistemas de sistemas constituídos de matéria-energia em diferentes planos de operação e em diferentes *limites* de Realidade (LUPASCO, 1994). Portanto, podemos partir de um pensamento complexo e transversal como enfoque metacognitivo para compreender e equacionar operativamente os desafios futuros que temos como espécie, onde a educação formal e obrigatória das escolas tem que possuir os instrumentos e pessoas preparadas para operar o desenvolvimento humano para a sociedade-mundo atual e aquela que ainda está por vir.

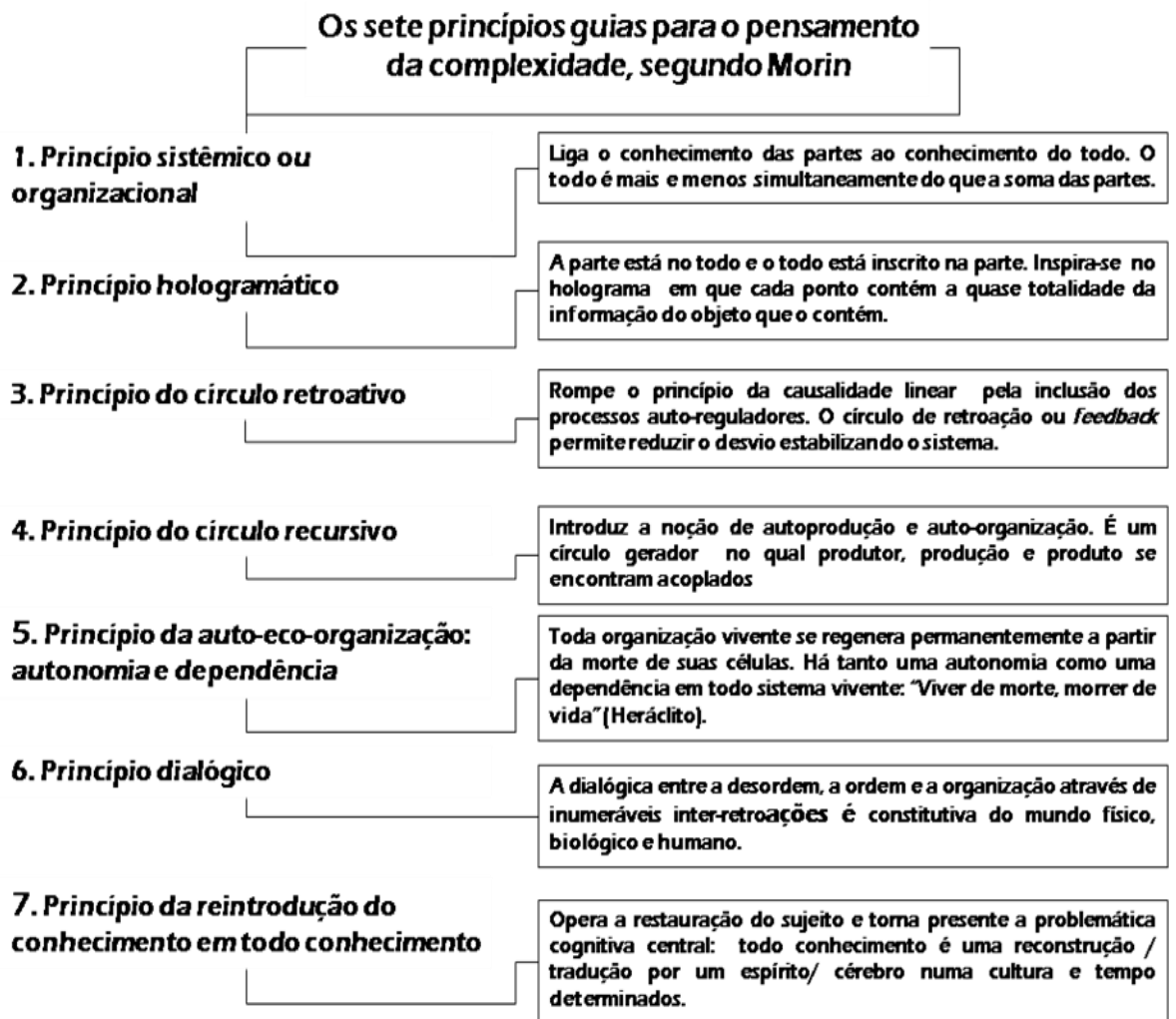
2. O pensamento complexo na epistemologia da complexidade de Edgar Morin

As transformações presenciadas em todas as esferas da humanidade no âmbito mundial no último século refletiram sobre a urgência de repensar o conhecimento e todo o processo que leva à sua aquisição e manuseio. Nesse contexto, o conceito da “complexidade” proposto por Edgar Morin (1999) questiona fortemente a especialização e fragmentação dos saberes que foram fomentados pela tecnociência e por seus avanços cada vez mais sofisticados. Nesta complexidade há a convivência interativa entre ordem, desordem e organização, sem que uma instância anule a existência da outra. É preciso, pois, lidar com a contradição presente no âmago de todo fenômeno

Frente a tantas reformulações de pensamentos e descobertas científicas do mundo globalizado atual, Morin define sete princípios-guias da complexidade, que se complementam e relacionam. Ao estabelecer o **princípio sistêmico**, ele coloca que “*o todo é mais que a soma das partes*”. Ao unirmos os vários saberes fragmentados (partes), há a formação de um todo com características inesperadas e novas em relação ao conhecimento que o originou. São variáveis que lançam propriedades novas tanto às partes como também ao todo. O **princípio**



hologramático vem evidenciar a dicotomia do princípio anterior. Apesar de o todo apresentar novidades em relação às características presentes nas partes e vice-versa, uma coexiste na outra. O indivíduo é parte constituinte da sociedade e é por ela constituído. Há um dinamismo claro nesse princípio: o sujeito age no meio social, influencia, constrói e é por ele influenciado, recebendo o resultado de suas ações. Permeando esse preceito, o **princípio do ciclo retroativo** coloca que a causa age sobre o efeito e este sobre a causa. O **princípio do círculo recursivo** mostra que os produtos originam aquilo que produz. Vejamos o homem a partir do **princípio da auto-eco-organização**, que é resultado de um sistema de reprodução, por este mesmo praticando e perpetuando, recriando-se na troca com o meio ambiente, em uma relação contígua de autonomia e dependência. O **princípio dialógico** vem associar ideias e noções conflitantes e/ou antagônicas. O **princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento** é percebido pelo sujeito sobre a influência cultural-temporal das emergências locais-globais e globais-locais. Veja-se a síntese dos sete princípios guias do pensamento da complexidade no diagrama abaixo.



Por outro lado, ele defende que a incorporação de problemas cotidianos ao currículo confere aos conteúdos uma notável significância para o educando, já que as incertezas passam a ser percebidas e vivenciadas não com insegurança ou incapacidade de descobrir respostas, mas como um fator dinamizador de busca e investigação baseada em fundamentos das diversas ciências. A especialização fragmenta a razão e permeia a percepção de mundo de falsas verdades, sobretudo quando se está procurando a totalidade. Algo que Morin define assim (2008, p. 140):

Creio que a aspiração à totalidade é uma aspiração à verdade e que o reconhecimento da impossibilidade da totalidade é uma verdade muito importante: isto porque a totalidade é simultaneamente a verdade e a não-verdade.

Reside aí a importância da complexidade pensada por Morin para o campo da



educação: o resgate do valor humano, com as suas qualidades e características inerentes ao todo da espécie em suas variâncias. Somente na abordagem transdisciplinar, onde os saberes são entrelaçados e contextualizados, é possível ter uma visão ampla e global do mundo e da realidade, em todas as suas facetas. A escola, enquanto ambiente formal de disseminação do saber acolhe e recolhe singularidades e particularidades inerentes a cada indivíduo, o que evidencia a ampla diversidade humana. É o campo real de formação de personalidades, mentalidades e ideias. É o campo ideal para desenvolver a complexidade de saberes, interligando disciplinas e formando o sujeito em todos os seus aspectos. E por isto mesmo, requer uma remodelagem radical como espaço-tempo formal de aprendizagens significativas.

3. A epistemologia complexa de uma educação de caráter mundial: uma visada da educação do futuro

A educação planetária tem que propiciar uma mundologia⁴ da vida cotidiana. (MORIN, 2003, p. 123).

Refletir sobre o valor e a significação da educação na era globalizada do século XXI exige abordar as dinâmicas mundiais (econômicas, políticas, culturais, sociais, educativas etc.) com uma visão holística e internacional que proponha alternativas criativas de mudança, as quais teriam que ser pragmáticas na contextualização de um mundo futuro complexo, multidimensional e interdependente. E para alcançar tudo isto, é preciso romper com todos os paradigmas tradicionalistas e reducionistas do positivismo herdado do passado, e começar a observar a educação como um processo em continua expansão, como o próprio universo; já que cada estudante-cidadão tem exigências de aprendizagem diferentes⁵ em relação aos outros, do mesmo modo que os planetas têm características e leis físicas diversas mesmo estando em um mesmo sistema galáctico (COLLADO e GALEFFI, 2012a).

4 A frase “mundologia da vida cotidiana” foi inspirada na expressão do escritor argentino Ernesto Sábado e quer expressar a necessidade urgente da sociedade de contar com mundólogos que orientem as sociedades para o desenvolvimento da civilidade na perspectiva dos problemas mais urgentes e globais.

5 Em função do desenvolvimento das “inteligências múltiplas” que Howard Gardner (1988) identifica: *linguística, lógico-matemática, musical, corporal-cinestésica, naturalista, intrapessoal (para nós mesmos), interpessoal* (para outras pessoas) e *existencial* (que permite-nos pensar problemas sobre a vida, a morte e a realidade).



Será esta desmotivação uma das principais causas de abandono escolar no ensino médio? Que sentido tem continuar ensinando conteúdos homogêneos e com as mesmas metodologias aos estudantes de uma mesma idade que vem de diferentes contextos?

Em consequência, e com esta linha de pensamento complexo, não podemos continuar criando pacotes curriculares nacionais e regionais classificados em disciplinas unidimensionais e fechados ao novo conhecimento que se produz coetaneamente (na sociedade-mundo do contexto local-global e global-local) no mesmo momento em que são ensinados aos estudantes. Em um mundo interconectado como hoje, precisamos criar currículos educativos aptos para ensinar os novos acontecimentos locais/regionais/nacionais/globais atuais. Para isso, temos que aproveitar a revolução das tecnologias e articular novas redes sociais com outras partes do mundo para gerar novos espaços de debates filosóficos, morais, políticos, educativos etc., entre os estudantes-cidadãos, pois é a melhor forma de capacitar-lhes para os desafios futuros: fazendo-lhes ver que não existe uma verdade única, senão interpretações múltiplas que poderiam ser contrárias e complementarias ao mesmo tempo.

Então, quais poderiam ser os conteúdos disciplinares para uma educação de cunho mundial? Quais têm que ser os princípios epistemológicos da educação global? Como criar uma educação que respeite as características histórico-culturais definidoras de cada comunidade e ao mesmo tempo desenvolva uma identidade comum que aborde os problemas globais? Será possível alcançar um desenvolvimento sustentável futuro se a população demográfica continua crescendo um bilhão a cada década? Qual é o papel da filosofia e da educação nos albores destes novos paradigmas?

Responder a estas questões relativas à educação do futuro exige-nos uma profunda mudança nas estruturas de construção do pensamento: com uma perspectiva polilógica, multirreferencial, complexa, transdisciplinar, planetária e cosmológica. Ou seja, uma nova organização do conhecimento que suponha um metaponto de vista articulador do esforço humano de tomar consciência da sustentabilidade ética da sociedade-mundo, a qual requer uma epistemologia complexa, criativa, transversal, polissêmica, transpolítica e transcultural



(GALEFFI, 2012).

Além disso, uma compreensão das linhas de desenvolvimento da educação do futuro tem que contemplar a incerteza e o desconhecimento como uma importante variável do processo existencial humano e do comportamento da natureza. E isto porque estas são perguntas relativas ao papel da educação atual, que se encontra em um momento de transição rumo a um novo paradigma mobilizado pela revolução das tecnologias que interconectam qualquer parte do mundo em tempo real, abrindo uma janela que permite visualizar o progresso espiritual. Sendo assim, talvez Edgar Morin (2003) tenha razão ao afirmar que estamos no princípio da “*idade de ferro planetária*”, uma idade que está mudando de forma radical a concepção de sociedade-mundo, e com ele o conceito de educação.

Talvez esta nova educação futura de caráter mundial faça uma mistura entre a educação formal, não formal e informal para ajudar a desenvolver todas as facetas do ser humano, ou talvez estejamos no início da liberação do ser humano como espécie: um momento de *emergência da consciência da consciência e da inconsciência* no plano mundial, assim como da *emergência do conhecimento do conhecimento e do desconhecimento* desenvolvido pela tecnociência que atualizou o atual momento da sociedade do conhecimento e da informação (COLLADO e GALEFFI, 2012b).

4. Considerações: a dimensão global-planetária da educação requisita uma revisão da Educação Global proposta

Vinte anos atrás, quando se realizou a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Rio 92 – a *Cúpula da Terra* – surgiram novas iniciativas para sintonizar os problemas globais atuais com a educação formal que é ensinada a crianças e jovens de todas as nações. Nessa ocasião, representantes do mundo inteiro aprovaram a *Carta da Terra*⁶, na

⁶ O documento é resultado de uma década de diálogo intercultural, em torno de objetivos comuns e valores compartilhados, onde se faz uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada, voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação. Além disso, também oferece um novo marco, inclusivo e integralmente ético para guiar a transição para um futuro sustentável, pois reconhece que os objetivos de proteção ecológica, erradicação da pobreza,



qual os signatários se comprometem a construir sociedades democráticas, justas, participativas e sustentáveis. Assim como adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, a defesa dos direitos humanos e o bem estar comunitário, erradicar a pobreza como imperativo ético, social e ambiental, promover uma cultura de tolerância e não violência. Além de integrar na educação formal e no aprendizado ao longo da vida inteira os valores e as habilidades necessárias para o alcance de uma forma de vida sustentável.

Pouco depois, numerosos movimentos políticos começaram a surgir. O Instituto Latino Americano de Pedagogia da Comunicação de Costa Rica lançou os conceitos de Eco-pedagogia e Cidadania Planetária. No Brasil, o Instituto Paulo Freire passou a disseminar e desenvolver esses conceitos, influenciando na prática de algumas escolas públicas em municípios como São Paulo e Osasco, dentre outros. Mais o projeto de maior consistência ou envergadura política seria a Declaração da Educação Global de Maastricht (2002), o qual se tornou uma política pública da União Europeia para ser executada a partir do ano 2015.

Como já vimos anteriormente, é um projeto onde a ideia de criar um currículo comum representa uma *emergência* antro-po-sócio-política desde a abordagem da Teoria dos Sistemas Complexos, pois representa um desafio de responsabilidade comum entre diferentes países. Deste modo, a criação do currículo comum passa por fazer um amplo debate no 2º Congresso Europeu da Educação Global que ocorrerá no final de Setembro de 2012 em Lisboa, onde estarão presentes mais de 200 representantes dos ministérios de ensino de toda Europa e países associados. Debates aos quais assistirão representantes do grupo de pesquisa EpisTransComplex da UFBA, em qualidade de relatores assistentes, para apresentar a proposta de integrar a todos os países do mundo em um marco de dez anos, proposta que foi a mais votada nos diálogos mundiais das últimas Conferências das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável da Rio+20⁷.

desenvolvimento econômico equitativo, respeito aos direitos humanos, democracia e paz são interdependentes e indivisíveis.

7 Consulte-se as votações no site: <http://vote.riodialogues.org/results2-pt.html?l=pt#>
Pode-se ver o vídeo acessando o site: <http://webtv.un.org/favicon.ico/watch/sustainable-development-for-fighting-poverty-sustainable-development-dialogues-rio20/1693144650001> e para mais informação veja-se: <http://www.educarparavivir.com/es/category/blog/>



Uma proposta caracterizada pela tomada de *consciência da consciência e da inconsciência* que devemos ter todos os seres humanos pertencem à mesma família -a humana- e dependem de um mesmo ambiente de dimensão global-planetária. Trata-se, de uma consciência essencial para se garantir a diversidade cultural e a sustentabilidade na vida na Terra. Para isto pretende-se renovar os currículos escolares com um mínimo comum curricular que seja o eixo regulador dos valores cívicos universais que contribuam para que a sociedade-mundo alcance novas formas de pensar e de agir em uma sociedade globalmente interconectada, rumo a um futuro sustentável. E pensar nessa realidade quer dizer dar ênfase especial sobre a interdependência da dimensão local-global e global-local, pois são dimensões indissociáveis na atualidade.

Em resumo, queremos aproveitar as interrelações globais-locais e locais-globais para aprofundar as políticas educativas internacionais e começar a trazer um *mínimo comum curricular* que sirva como fonte de inspiração e reinterpretação de todos os docentes e instituições de educação formal, não formal e informal de todo o mundo. Um *mínimo comum curricular* que promova um pensamento crítico na sociedade-mundo atual e futura para alcançar um desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza. Por isso, consideramos que a proposição da *Educação Global* formulada na Europa tem que ser ampliada para a totalidade do planeta (por instituições internacionais como a UNESCO e as Nações Unidas), pois sustenta as qualidades epistemológicas que melhor se adaptam à aprendizagem significativa que a cidadania do século XXI demanda (COLLADO e GALEFFI, 2012c). O que necessariamente pressupõe uma mudança de paradigma na forma de pensar, rumo a um pensamento complexo que permita ver a pluralidade e a diversidade cultural como uma fonte de riqueza da única nação legítima do ser humano: o planeta Terra.

Referências

COLLADO, J. E GALEFFI, D.A. (2012a) **Educación Global: un marco teórico-epistemológico complejo y transdisciplinar para una educación filantrópica y planetaria.** Comunicação apresentada no “VI Forum Internacional de innovación y creatividad” na Universidade de Barcelona (Espanha). (no prelo).



COLLADO, J. E GALEFFI, D.A. (2012b) **Educação Global: uma política curricular inovadora para erradicar a pobreza e alcançar um desenvolvimento sustentável.** Comunicação apresentada no II Simpósio Baiano de Licenciaturas da UNEB. Salvador de Bahía (Brasil). (No prelo).

COLLADO, J. E GALEFFI, D.A. (2012c) **A metodologia construtivista da Educação Global para alcançar uma aprendizagem significativa na cidadania do século XXI.** Comunicação apresentada no IV Encontro Nacional de Aprendizagem Significativa do Instituto Oswaldo Cruz, Universidade Federal de Rio Grande do Sul e a Universidade de Pernambuco. Garahuns (Brasil). (No prelo)

GALEFFI, D. A. **Ética e Complexidade: A Emergência Triética Planetária.** Capítulo do livro do “Grupo de Ética da Academia de Ciências da Bahia. Salvador: Academia de Ciências da Bahia, 2012. (no prelo)

GARDNER, H. **La nueva ciencia de la mente. Historia de la revolución Cognitiva.** Paidós. Barcelona, 1988.

LUPASCO, S. **O Homem e suas Três Éticas.** Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

MORIN, E. **Los siete saberes necesarios para la educación del futuro.** París, UNESCO, 1999.

_____ **Educar en la era planetaria.** Barcelona, Gedisa Editorial, 2003.

_____ **Introdução ao Pensamento Complexo.** Lisboa, Instituto Piaget, 2008.

TUVILLA, J. **Educação em Direitos Humanos. Rumo a uma perspectiva global.** Porto Alegre: Artmed, 2004.